

Sobre a teoria da técnica de Fenichel: uma reflexão ética sobre a prática psicanalítica¹

José Henrique Parra Palumbo
Nelson Ernesto Coelho Junior

RESUMO

Desenvolvemos aqui as implicações 'éticas' das concepções de Otto Fenichel (1897-1945) sobre a finalidade prática do conhecimento psicanalítico e sobre a função terapêutica da psicanálise, pois Fenichel elabora uma concepção de prática psicanalítica que vale a pena ser revisitada a partir de um tipo de debate que remete os problemas da prática psicanalítica a uma 'ética psicanalítica'. Para cumprir este objetivo, propomos uma investigação histórica e teórica das concepções de Fenichel a partir de uma leitura estrutural de sua obra, remetendo a arquitetura interna de seus argumentos e conceitos ao conjunto de sua obra e ao contexto de produção dela. Primeiramente, contextualizamos a produção da concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica em meio às disputas institucionais do movimento psicanalítico europeu e estadunidense. Depois, discutimos o projeto de 'psicologia dialético-materialista' de Fenichel para extrair a concepção do autor sobre o conhecimento psicanalítico. Em terceiro lugar, apresentamos como a concepção de Fenichel sobre a finalidade prática do conhecimento psicanalítico serve como condição central de seu entendimento sobre a prática psicanalítica. Finalmente, localizadas as noções de Fenichel sobre a finalidade prática do conhecimento psicanalítico e a função terapêutica da psicanálise, desenvolvemos as implicações éticas da concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica.

Palavras-chave: Otto Fenichel (1897-1946). Psicanálise e filosofia. História da Psicanálise. Ética; Técnica Psicanalítica.

ABSTRACT

On Fenichel's theory of technique: an ethical reflection on the psychoanalytical practice

This article develops the 'ethical' implications of Otto Fenichel's (1897-1945) views on the practical purposes of psychoanalytic knowledge and the therapeutic function of psychoanalysis since Fenichel elaborates a psychoanalytic practice conception that is worth revisiting from a sort of debate that refers to a 'psychoanalytic ethics' the problems of psychoanalytic practice. To fulfill this goal, what is proposed herein is a historical and theoretical investigation of Fenichel's conceptions from a structural reading of his work, examining the internal architecture of his arguments and concepts in the light of works as a whole and the context of such production. First, context is provided for Fenichel's conception of psychoanalytic practice amidst institutional disputes between the European and American psychoanalytic movements. After that, there is a discussion on Fenichel's 'dialectical-materialist Psychology' project to extract the author's conception of the psychoanalytic knowledge. In a third step, it is presented how Fenichel's conception of psychoanalytic knowledge serves as a central piece of his understanding of psychoanalytic practice. Finally, after locating Fenichel's notions about the practical purposes of psychoanalytic knowledge and the therapeutic function of psychoanalysis, it is developed the ethical implications of Fenichel's conception of psychoanalytic practice.

Keywords: Otto Fenichel (1897-1946); Psychoanalysis and Philosophy; History of Psychoanalysis; Ethics; Psychoanalytic Technique.

Sobre os autores

J. H. P. P.
<https://orcid.org/0000-0001-5000-8295>
Universidade Estadual de Maringá
Maringá – PR
jhparrap@gmail.com

N. E. C. J.
<https://orcid.org/0000-0002-0707-7356>
Universidade de São Paulo
São Paulo – SP
ncoelho@usp.br

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



¹ Este trabalho resulta de uma parte da pesquisa de doutorado apresentada na tese "Sobre as concepções de Otto Fenichel: psicanálise, materialismo-dialético e naturalismo científico" (Palumbo, 2019), orientada pelo Prof. Dr. Nelson Ernesto Coelho Junior e financiada pela CAPES.

É moeda corrente já há algumas décadas nos estudos psicanalíticos, especialmente quando se discute os problemas envolvendo a prática psicanalítica, remeter tais problemas a algo como uma 'ética psicanalítica', seja tal ética 'em' ou 'da' psicanálise. Na primeira metade do século XX, isto não era bem assim. O que não significa que as concepções de Freud sobre o ofício do psicanalista, e de seus contemporâneos praticantes da psicanálise, não mobilizem um tipo de reflexão que pode ser considerada, de fato e de direito, como uma reflexão ética sobre o 'fazer' em psicanálise.

A proposta deste artigo é, então, considerar as implicações 'éticas' das concepções de Otto Fenichel (1897-1945), entre meados dos anos 1930 e início dos anos 1940, sobre a finalidade prática do conhecimento psicanalítico e sobre a função terapêutica da psicanálise. Pois, defendendo a elaboração de uma teoria da técnica psicanalítica, Fenichel acaba tecendo também uma concepção de prática psicanalítica que vale a pena ser revisitada a partir deste debate, mais compatível com os ares de hoje, sobre 'ética psicanalítica'. E visitar esta concepção de prática psicanalítica vale a pena por duas razões.

Primeiramente, porque assim investigamos uma perspectiva pouco investigada na história da psicanálise, mas que já teve sua importância e reconhecimento durante a história do movimento psicanalítico. Em segundo lugar, porque olhar para o passado, seja dos eventos naturais ou humanos, seja das ideias ou das coisas, é sempre um ato fundamental para a compreensão da complexidade envolvendo as mudanças que os levaram a seus estados atuais. Assim, lançar uma interpretação sobre a concepção fenicheliana da prática psicanalítica pode nos ajudar a entender melhor uma perspectiva menos conhecida do pensamento psicanalítico na atualidade. Mais importante ainda, este exame teórico da concepção de Fenichel pode nos ajudar a recolocar velhos problemas sob outro olhar.

Neste sentido, não se trata de sustentar necessariamente a visão de Fenichel a respeito da finalidade das teorias psicanalíticas; ou a respeito da função das práticas terapêuticas associadas ao que se chama de psicanálise. Trata-se menos ainda de investigar a fundo todas as origens da concepção de Fenichel sobre a prática psicanalítica. Aqui, o que nos preocupa é muito mais a maneira como esta concepção, tal como ela é elaborada, pode nos ajudar a relançar certas questões relativas ao que se faz em uma terapia, sobretudo em uma terapia psicanalítica.

Sem dúvida, contextualizaremos a produção desta concepção fenicheliana sobre a prática psicanalítica, compreendendo, na primeira seção, a ambientação da obra de Fenichel na história do movimento psicanalítico e, na segunda seção,

a relação desta concepção com aquilo que o autor entendia por 'psicologia dialético-materialista'. Entretanto, nosso foco de análise, em especial da textualidade da obra de Fenichel, concentrar-se-á sobre os elementos conceituais e argumentativos do autor que compõem sua teoria da técnica (Fenichel, 1923/1953a; 1935/1953b; 1935/1953c; 1941)². Feito isto, esboçaremos nas últimas duas seções deste artigo uma reflexão sobre as ditas implicações éticas de tal concepção.

PSICANÁLISE, SOCIAL-DEMOCRACIA E O GRUPO DAS CIRCULARES

Como bem apontam os dados biográficos coletados por Mühlleitner (2008), o ingresso de Fenichel no mundo psicanalítico foi marcado por seu engajamento no movimento da juventude germânica (*Jugendbewegung*). Pautando recorrentemente o esclarecimento sexual, ele acabaria mantendo parte de suas motivações científicas e políticas juvenis quando passa a frequentar a Associação Psicanalítica de Viena (WPV) no final da década de 1910.

Neste momento, já em meio à expansão institucional do movimento psicanalítico, Fenichel se junta a tantos outros que se tornavam membros das agremiações de psicanalistas. E, como bem apontam algumas pesquisas (Jacoby, 1983; ver também Alonso, 2009; Danto, 2005), o comportamento político-institucional desse movimento flertava, até os anos 1930 e de maneira um tanto difusa, com as pautas progressistas defendidas por seus novos participantes, que passam a frequentar tais agremiações em meados da década de 1910.

Um dos efeitos desse flerte foi a abertura das clínicas populares de psicanálise e a implementação nos serviços públicos de medidas de saúde e pedagógicas de cunho psicanalítico. Neste período, do final dos anos 1910 ao início dos anos 1930, o movimento psicanalítico acabou compartilhando, portanto, do entusiasmo daqueles analistas envolvidos, em alguma medida, na socialdemocracia berlinense ou vienense, sem, no entanto, adotar irrevogavelmente as ideias dessa socialdemocracia.

No caso de Fenichel, as pautas e as discussões propostas pela esquerda socialdemocrata e marxista lhe atingiram ao final dos anos 1920 a ponto de gerar uma fundamentação programática para uma plataforma político-institucional dos analistas de esquerda que fariam parte de um grupo de cartas circulares (Fenichel, 1934; 1998). Articulado pelo próprio Fenichel, esse grupo incorreu em uma intensa e extensa troca de cartas entre 1934 e 1945, e que era destinada a manter vivos os debates entre ele e seus colegas, praticamente todos em exílio forçado pela ascensão do Partido Nazista na Alemanha.

² As citações diretas dos textos consultados em língua estrangeira são traduções livres dos autores deste trabalho.

A partir de 1926, enquanto docente do Instituto Psicanalítico de Berlim e membro das Comissões de Ensino local e internacional, Fenichel participou ativamente da disputa em torno das diretrizes da formação psicanalítica, defendendo a unidade internacional destas diretrizes e, especialmente, colocando-se a favor da aceitação dos analistas sem formação em medicina. Depois de 1935, Fenichel e seus colegas atuantes no Grupo de Trabalho Psicanalítico de Praga (GT de Praga), vinculado à WPV, passariam a ser vistos como aliados da ortodoxia psicanalítica de Viena em uma frente comum de batalha contra os desvios teóricos do que acreditavam ser os fundamentos da psicanálise freudiana. Por exemplo, os cursos oferecidos pelo GT de Praga foram dedicados à psicologia do Eu desenvolvida por Freud a partir da década de 1920 (Jacoby, 1983; Mühlleitner, 2008).

Porém, é verdade também que Fenichel continuaria a participar da discussão envolvendo tanto a aproximação entre psicanálise e materialismo-dialético quanto a tentativa de fundamentar a teoria e a prática psicanalíticas dentro de um pensamento e prática alinhados à esquerda política (Mühlleitner, 2008). No entanto, o desenvolvimento desse projeto se limitou mais e mais às *Circulares*. Mesmo nelas, sua prioridade foi dissolvida. Isto é, a força de seu projeto de 'psicologia dialético-materialista' foi apagada diante de duas necessidades de maior urgência para Fenichel e seus camaradas. Como aponta Jacoby (1983), do ponto de vista político-institucional, esse grupo em torno de Fenichel se dedicaria exclusivamente ao combate contra os desvios e as alterações daquilo que chamavam de fundamentos 'científico-naturais' da psicanálise freudiana; e à própria sobrevivência dos psicanalistas exilados ou que ainda viviam sob o jugo dos regimes totalitaristas³.

Portanto, é possível falar em uma atuação paradoxal de Fenichel, já que ele sempre defendeu, no plano político-institucional, o acento 'científico-natural' da psicanálise freudiana das 'novas' psicanálises, ao mesmo tempo em que acabou desenvolvendo, no plano teórico-literário, uma psicanálise marcada de modo indelével por seu projeto de 'psicologia dialético-materialista', que serviu de fundamentação programática da leitura que o próprio autor fazia da psicanálise freudiana para o grupo de analistas de esquerda (Fenichel, 1934).

Dessa maneira, se a postura de conservação da psicanálise freudiana limitou na prática o desenvolvimento do projeto de 'psicologia dialético-materialista' de Fenichel, por outro lado, essa mesma postura parece ser a principal consequência teórica das teses e dos argumentos desse projeto sobre o restante da obra de Fenichel. Então, falemos um pouco ainda sobre este projeto, já que ele impactará diretamente a concepção

do autor a respeito do 'fazer' psicanalítico.

O PROJETO DE 'PSICOLOGIA DIALÉTICO-MATERIALISTA' DE FENICHEL

Desde o início de sua obra, Fenichel (1923/1953a) apostava em duas características do conhecimento psicanalítico: seu caráter 'naturalista' e seu caráter 'empirista'. Basicamente, essas duas características foram definidas respectivamente por ele como a capacidade da psicanálise versar sobre um objeto de estudo (o funcionamento mental) como parte da ordem natural do mundo e de se referir teoricamente a ele a partir das suas manifestações particulares concretas (a experiência particular do funcionamento mental). No limite, isso significava dizer que a psicanálise deveria cumprir com duas cláusulas ou critérios epistemológicos: 1) comportar-se como um conhecimento que almeja a explicação das causas dos fenômenos psíquicos enquanto parte da ordem subjacente do mundo, e não enquanto condições transcendentais da subjetividade humana; 2) e servir aos ideais de previsão e controle destes mesmos fenômenos à medida que os torna inteligíveis por meio de enunciados teóricos e informa e orienta a prática psicanalítica.

Seria proveitoso investigar em outro momento se há de fato tal aspecto 'naturalista' e 'empirista' que pode ser eventualmente apontado em Freud. Sobretudo se de fato é possível identificar, em qualquer coisa que seja de 'naturalista' e 'empirista' em Freud, o segundo critério acima, que expressa um ideal de previsão e controle do psiquismo, ainda mais se lembrarmos que a noção de sobredeterminismo dos atos psíquicos povoa as explicações freudianas. Contudo, limitemo-nos a apresentar como o próprio Fenichel entendia a psicanálise freudiana dentro dessas exigências alinhadas às tais características chamadas por ele de 'naturalista' e 'empirista'. Ou seja, aqui o importante é saber como Fenichel concebia as teorias psicanalíticas dentro deste quadro conceitual, e não investigar a fundo as origens de tal quadro.

Então, de maneira geral, para nosso autor, os enunciados freudianos eram efeitos de uma investigação governada por uma discussão e uma aplicação de procedimentos passíveis de serem ensinados, e destinados a exporem rigorosamente a ordem dos fenômenos naturais. Incluindo, portanto, dentro de tal investigação metódica, a exploração do campo dos fenômenos psicológicos inconscientes. Fenômenos estes que, embora não tivessem exatamente as mesmas características dos fenômenos concretos da Física, poderiam e deveriam ser tratados como 'naturais'.

Considerando isto, as explicações, necessariamente de-

³ Podemos considerar aqui não só os regimes fascistas da Europa Central, mas também o regime stalinista que foi responsável por forçar os psicanalistas soviéticos a se exilarem ou a abandonarem a psicanálise (Richebächer, 2019).

rivadas desta investigação dos fenômenos psicológicos inconscientes, eram constituídas não só a partir da observação, como também tratavam exclusivamente de parte da tal ordem natural, a ordem subjacente do mundo. O que permitiria, subseqüentemente, obter certo controle dos fenômenos a partir do conhecimento das suas causas e por meio da previsibilidade de uma possível nova ocorrência destes mesmos fenômenos; previsibilidade esta permitida pela expressão dos fenômenos psíquicos em forma de leis.

Fato é que esses elementos não deixarão de marcar com certa persistência, em diferentes momentos de sua obra, a forma como Fenichel concebe o conhecimento psicanalítico. Porém, com seu projeto de 'psicologia dialético-materialista', Fenichel (1934) apresenta uma nova postura epistemológica, por assim dizer. Mantendo as exigências colocadas em 1923 ao conhecimento psicanalítico para que ele se enquadrasse no campo dos conhecimentos científico-naturais e empíricos, Fenichel (1934) acrescenta um terceiro critério que não estava presente antes de seus estudos iniciais da literatura marxista no fim da década de 1920. Assim, a postura fenicheliana em relação aos fundamentos filosóficos do conhecimento psicanalítico do início dos anos 1920 assumirá também um critério sociológico em 1934. E é a esta renovada postura 'naturalista-empirista' diante dos fenômenos psíquicos que Fenichel (1934) dará o nome de 'materialista'.

Tratava-se então, de 1934 em diante, de defender que o psicanalista precisa se atentar, por um lado, aos requisitos cognitivos que dão fundamento às teses psicanalíticas sobre o funcionamento psíquico humano (geral e particular) quando nega o caráter sobrenatural ou transcendental do psiquismo, pois isto o faz cumprir com as exigências mencionadas acima – que foram associadas, ainda que de forma rudimentar, a certo 'naturalismo' e a 'certo empirismo'. Por outro lado, tratava-se também de defender que o psicanalista deve reconhecer os determinantes sociais destes valores científicos e dos requisitos ligados a eles e, portanto, compreendê-los como produtos de um esquema de valorização social do controle da ordem 'natural' e 'imanente', neste caso, da própria experiência 'psicológica' individual humana.

Deste modo, o reconhecimento destes determinantes, que sustentam a produção do conhecimento científico, assumirá um lugar de fundamental importância na crítica aos 'idealismos' no âmbito do pensamento psicológico e das práticas científicas e/ou terapêuticas associadas a ele, pois estipula que o conhecimento ou sua aplicação não podem escapar de suas determinações sociais, históricas e econômicas. Assim, essas determinações fornecem ao quadro explicativo da própria teoria o embate de forças entre os grupos sociais envolvidos em sua elaboração; bem como fornecem a relação dessa teoria com a fase histórica das necessidades humanas e das relações de produção, e com a própria demanda de

sua aplicação prática, seja para o desenvolvimento técnico, seja para a formação profissional.

Acontece que, para Fenichel (1935/1953b; 1935/1953c), a consequência prática direta da aplicação destas exigências 'científico-naturais' e 'materialistas' seria uma 'teoria da técnica' que tem como principal função orientar o trabalho terapêutico voltado para o desenvolvimento de certa autonomia da consciência e da instância psicológica do Eu. Então vejamos, como o psicanalista articula esta consequência da aplicação do conhecimento psicanalítico.

A 'TEORIA DA TÉCNICA' DE FENICHEL E A FINALIDADE DO CONHECIMENTO PSICANALÍTICO

Em seu pequeno livro dedicado às questões técnicas em psicanálise, Fenichel (1941) busca elaborar uma 'teoria da técnica' a partir de problemas práticos de técnica levantados na literatura psicanalítica. Segundo o psicanalista, o tema era tratado sem muita consistência sistemática pelos colegas. Além disso, ele acreditava que, para novos analistas, não era fácil relacionar os conceitos aprendidos com o que faziam na clínica. Tratava-se de um problema crucial, já que teoria e prática deveriam se beneficiar da relação causal entre elas.

Esta é uma peça importante do argumento fenicheliano referente à função de uma teoria e, em última instância, do conhecimento. Tratando do papel da ciência em outro trabalho (Fenichel, 1940/1954), o autor explicita como não apenas a prática fornece os dados para a elaboração do conhecimento, mas também como as próprias teorias orientam e se refletem nas ações humanas.

No livro de 1941, a finalidade prática de uma teoria é reafirmada logo de início quando o autor diz: "é tarefa de toda teoria em todas as ciências levar a uma prática melhor" (Fenichel, 1941, p. 3). E esta é a tarefa que nos sugere precisamente o pano de fundo de uma reflexão ética. Afinal, esta função prática da teoria acaba por instalar no seio da psicanálise uma reflexão sobre qual ação terapêutica deve ser tomada para que determinado fim seja alcançado, permitindo, assim, que esta ou aquela técnica seja mais bem aplicada em certo contexto. Voltaremos a esse problema mais adiante. Por enquanto, continuemos com as elaborações do autor.

O nó da questão é que, na visão de Fenichel (1935/1953b; 1935/1953c; 1940/1954; 1941), as teorias sobre o funcionamento psíquico orientam o tratamento dos males psicológicos, pois os métodos psicanalíticos de pesquisa e terapêutico se confundem. Ou seja, a interpretação analítica é, ao mesmo tempo, a via privilegiada para a observação dos processos inconscientes e a intervenção que desencadeia a elaboração dos conteúdos psíquicos reprimidos à margem do fluxo da consciência.

Instaurada sobre a coincidência dos métodos de investiga-

ção e terapêutico, a teoria da técnica de Fenichel (1941) reflete a ideia de que o tratamento visa a consciência dos produtos da dinâmica inconsciente dos afetos, e a ideia de que o analista sustenta suas ações (interpretativas) sobre leis científicas gerais do psiquismo, produzidas a partir dos dados inconscientes 'coletados' pela consciência.

Dito de outro modo, se a terapia está atrelada à investigação racional dos processos psíquicos inconscientes, a técnica deve ser fundamentada sobre os princípios metapsicológicos, e não em outro lugar. Por isto, a relação causal mútua entre teoria e prática está na base da reflexão de Fenichel (1941) sobre a técnica psicanalítica. De um lado, o valor empírico dos dados clínicos se sustenta sobre os princípios da metapsicologia, produzindo os enunciados metapsicológicos e, de outro, a ação terapêutica deve se fundamentar sobre estes mesmos princípios e enunciados.

Obviamente, isto não significa que a teoria da técnica deva ser uma simples racionalização compulsiva e estéril por parte do analista. Fenichel (1941) admite: "nós podemos e devemos ser elásticos na aplicação de todas as regras técnicas. Tudo é admissível se ao menos se sabe o porquê" (pp. 23-24). E é por conta dessa exigência dos 'porquês' que o *Problemas da técnica psicanalítica* apresenta uma 'teoria da técnica' como campo de fundamentação das ações tomadas por qualquer analista no decorrer de uma análise.

Portanto, embora a técnica seja um problema instrumental relacionado a uma escuta preparada e alinhada com o inconsciente do próprio analista, com sua subjetividade, ela é, antes de tudo, um problema objetivo. Por isto, ela também deve ser encarada teoricamente e se organizar a partir dos princípios econômico, dinâmico e tópico do funcionamento mental.

Além das decorrências da suposição de uma coincidência metodológica e da relação mútua e determinante entre teoria e prática na psicanálise, a teoria da técnica fomentada por Fenichel (1941) ainda leva em conta as considerações históricas sobre o desenvolvimento do pensamento e das práticas psicológicas. Ela faz uso do mesmo expediente crítico do artigo programático de 1934, localizando na psicanálise o confronto entre o pensamento 'científico-natural' e 'materialista' e o pensamento mágico das psicologias idealistas.

O autor repete, então, o entendimento de que foi a psicanálise a primeira disciplina psicológica a conquistar toda a complexidade da experiência psíquica para a investigação 'científico-natural'. E, dentro deste quadro, o psíquico deve ser compreendido como produto da interação da natureza orgânica do corpo humano com as forças ambientais, tanto do ponto de vista filogenético quanto do ponto de vista ontogenético.

Destes compromissos teóricos assumidos por Fenichel (1941) deriva-se seu entendimento dos adágios psicoterapêuticos freudianos: 'tornar o inconsciente consciente' e 'onde era

isso, devo eu advir'. Entendimento este que leva o autor a defender que a intervenção analítica deva sempre se preocupar, de um lado, com o significado inconsciente da série associativa do analisando, e, por outro, com a intensidade do conflito psíquico que está presentificado nas resistências.

Logo, o objetivo da análise seria fornecer ao analisando a capacidade de reconhecer os mecanismos decorrentes da repressão e a capacidade de poder viver com alguma liberdade os afetos que, antes desse reconhecimento, perturbavam o funcionamento psíquico e atrapalhavam, assim, a experiência individual com a própria corporeidade e com o mundo como um todo.

A partir dos critérios e princípios derivados da própria metapsicologia, e que fornecem certa inteligibilidade aos aspectos do funcionamento psíquico, o psicanalista sustenta que, em seus elementos mais básicos, interpretar o conteúdo afetivo de um sintoma ou de uma resistência a esse afeto, por exemplo, significa, grosso modo, fazer com que o Eu dirija sua atenção para os derivados do inconsciente que mobilizam a consciência via pré-consciente.

Em outras palavras, para Fenichel (1941), 'psicanalisar' significa submeter os impulsos à capacidade crítica e consciente do Eu por meio da interpretação, que localiza e abala o conflito de forças envolvidas nos processos psíquicos inconscientes. Assim, a técnica analítica deve fornecer as condições para a elaboração dos conteúdos inconscientes, substituindo assim as defesas patológicas por outras saudáveis que permitem certa circulação da energia psíquica pelo aparelho todo. Mas para alcançar esta finalidade, a técnica interpretativa da psicanálise deve ser empregada de acordo com os princípios teóricos da psicanálise.

Logo, como decorrência técnica primordial dos princípios teóricos adotados pelo autor, a análise das resistências implica também um entendimento psicopatológico estritamente associado à 'matriz clínica' das neuroses (psiconeuroses, neuroses traumáticas e caráter neurótico). Essa é a verdadeira razão clínica que faz com que Fenichel (1941) localize o foco da interpretação nas relações do Eu com o restante do aparelho mental.

Diante dessas considerações sobre a preocupação de Fenichel (1941) com o Eu, com as resistências, com os traços de caráter formados pela sedimentação destas, e com a correta aplicação da interpretação, podemos afirmar que o ideal de cura que organiza a prática psicanalítica defendida por Fenichel se traduz como uma espécie de fortalecimento da autonomia do Eu frente às forças inconscientes. Assim, é possível falar da psicanálise como uma espécie de 'educação afetiva' do Eu, ou uma 'pedagogia dos afetos' pela qual deve passar o Eu.

Fenichel (1940/1954) resume:

Nós apenas devemos ter em mente como a psicanálise funciona em princípio. Ela demonstra os derivados [instintuais] como tais, e conduz então a uma tolerância diante de derivados constantemente menos distorcidos e, assim, confronta gradualmente o ego com os conteúdos reprimidos. Nesse percurso, ela remove o isolamento destes frente à personalidade como um todo e permite que os instintos reprimidos alcancem o desenvolvimento pelo qual o ego, como um todo, passou até então. A sexualidade infantil é transformada em sexualidade adulta pela intervenção do ego, o que torna possível as sublimações e uma vida sexual ordenada. (p. 189)

Nesse texto, a apresentação resumida do objetivo da técnica interpretativa mostra claramente a função terapêutica da psicanálise voltada para uma 'educação afetiva' do Eu. Porém, esta passagem sugere ainda uma noção de desenvolvimento da sexualidade um tanto quanto teleológica. Por trás dela, haveria certo adaptacionismo operando no entendimento de Fenichel (1940/1954), quando ele fala da promoção da 'tolerância diante de derivados menos distorcidos', e do 'confronto' entre os conteúdos reprimidos e as defesas que o Eu do analisando deve domar.

No entanto, é verdade também que Fenichel (1941) se defende de possíveis objeções que enxerguem nessa noção adaptacionista da função terapêutica da psicanálise certo conformismo, por parte do analisando, com a configuração das forças constituintes e ambientais que atuam em seu psiquismo. Diz o autor:

Quando se diz que a análise deveria no fim tornar possível que o paciente se adapte à realidade, isso foi interpretado como se os analistas acreditassem que os pacientes curados deveriam considerar as circunstâncias da vida a que estão expostos no momento como imutáveis, e que deveriam se adaptar a elas. Em nenhum lugar nos escritos de Freud pode ser encontrada qualquer coisa do tipo. Temo, porém, que entre os analistas esta opinião pode ocasionalmente ser expressa. Tal interpretação está errada. A adaptação à realidade não significa nada além do que a capacidade de julgar racionalmente tanto a realidade quanto os resultados prováveis das próprias ações do paciente. Mas julgar os resultados prováveis de suas ações e regular suas ações nesse sentido não significa aceitar todas as circunstâncias dadas. Existe também a chamada aloplasticidade, a possibilidade de alterar a realidade em conformidade com os desejos da pessoa. (Fenichel, 1941, pp. 89-90).

AS IMPLICAÇÕES ÉTICAS DA 'EDUCAÇÃO AFETIVA' DO EU EM FENICHEL

Refletir e orientar a aplicação técnica, seja ela qual for, por princípios minimamente racionais indica sem dúvida um problema que se insere tradicionalmente no campo da reflexão

ética. De certa forma, é essa problemática que está em jogo quando se reconhece como, em tempos logicamente distintos, mas cronologicamente superpostos, o modo de agir empregado por um profissional depende de um caldeirão no qual suas concepções sobre a natureza humana, os crivos teóricos pelos quais designa as qualidades das realidades (neste caso, as psicológicas) e sua própria posição subjetiva no mundo são confrontados entre si, a fim de responder qual a melhor ação a ser tomada diante de e para o outro, seja ele outro indivíduo, seja ele o plano da coletividade.

Tomemos emprestado, a título de exemplo, o argumento de psicanalistas que, como Figueiredo e Coelho Junior (2008) ou Lacan (1959-60/1988), resolveram discutir pelo aspecto ético a extensa problemática da técnica psicanalítica. De modos distintos e distantes temporalmente, estes trabalhos indicam que o que é feito em meio à situação terapêutica deve ser remetido a um tipo de reflexão realizada a partir das posições ocupadas pelo analista e pelo analisando na relação com a alteridade. Reflexão esta que sugere, assim, uma conduta clínica pensada segundo a particularidade e a singularidade do fenômeno psicológico (patológico ou normal) e também de acordo com certos princípios que organizam, digamos, a relação destes 'dados' com tal conduta clínica.

É possível reconhecer nas questões tratadas por Figueiredo e Coelho Junior (2008) a reflexão sobre a posição que o analista deve sustentar para que a análise ocorra e sobre o papel do vínculo entre analista e analisando, do campo transferencial, na orientação da ação terapêutica. Sem dúvida, esses pontos são tratados pela avaliação da concepção fenicheliana sobre uma 'teoria da técnica'. Isso porque, mesmo que distanciados e que levemos em conta as tremendas diferenças entre as propostas de Fenichel (1941) e as de Figueiredo e Coelho Junior (2008), estes trabalhos remetem àquilo que é feito em meio à situação terapêutica a um tipo de reflexão realizada a partir do conhecimento prático desenvolvido na mesma situação.

Como garantia e legitimação de uma técnica, entendemos que a 'teoria da técnica' de Fenichel também pode ser encarada como um 'conhecimento prático' organizado não só pelos princípios derivados das teorias psicanalíticas, mas fornecido também pela própria 'particularidade' da situação clínica, considerando assim as posições ocupadas pelo analista e pelo analisando na relação com a alteridade. Mesmo que Fenichel reflita sobre e oriente sua prática a partir de uma dedução de princípios 'universais' do funcionamento psíquico que se preocupam primordialmente com aquilo que não é singular nesse funcionamento, também há elementos suficientes na observância desses princípios que impõem à reflexão da ação terapêutica a singularidade do funcionamento psíquico do indivíduo em tratamento.

Começamos pelas consequências da observância do princípio dinâmico no texto de Fenichel (1941). Ali, esse princípio permite localizar o objeto da interpretação psicanalítica. Mas, em termos práticos, isso não significa apenas apontar genericamente que a interpretação se dá sobre o conflito entre as forças atuantes nos processos mentais. A aplicação técnica do princípio dinâmico coloca, necessariamente, para o analisando o trabalho associativo dos seus conteúdos afetivos e representacionais que estão em conflito. Já a observância do princípio econômico, que em tese permite identificar o ponto de maior intensidade do conflito psíquico, coloca para a aplicação técnica da interpretação psicanalítica o momento em que ela deve ocorrer. Temporalidade esta que também indica a singularidade da interpretação.

Dessa maneira, o trabalho associativo – realizado pelo analisando e operado pela intervenção do analista – ocorrerá sobre a série histórica particular dos conteúdos afetivos e representacionais explorados na análise, que revelam não só as possíveis ‘causas’ específicas de um sintoma, como indicam também, para o analista, o próprio caminho a ser seguido pelas próximas interpretações diante da reconfiguração do conflito psíquico.

Da observância desses princípios do funcionamento psíquico, decorre ainda uma outra consequência prática. Ela se refere à insistência da interpretação diante dos mecanismos de defesa e das resistências gerados ao longo do tratamento. Tomando as reações do analisando após as intervenções e as subsequentes associações como critério de validade e de eficácia das interpretações, Fenichel (1941) incluirá, como elemento principal do cálculo da ação terapêutica, os derivados inconscientes do analisando que são atualizados e atuam na relação com o analista. Ou seja, o autor levará em conta a relação transferencial na reflexão específica sobre a conduta a ser tomada em determinado caso.

Mais ainda, no capítulo destinado à análise da transferência, Fenichel (1941, p. 72) menciona que a “personalidade do analista influencia a transferência”. O autor não ignorava, assim, o papel da contratransferência. Ele reconhece que nada pode proteger mais a experiência analítica de abusos por parte daquele que aplica a interpretação psicanalítica do que a efetividade da análise do próprio analista. Contudo, para Fenichel (1941), isso tem a ver com a concepção clássica freudiana de certo controle racional por parte do analista de seus próprios derivados inconscientes.

Esse controle dos afetos em meio à situação analítica, por parte do analista, está em completa congruência com uma aplicação técnica da psicanálise que é organizada de acordo certos princípios teóricos, e que tem por objetivo a promoção de uma maior autonomia da parte consciente do Eu frente às forças inconscientes que o acometem. Ou seja, a aplicação técnica da interpretação psicanalítica para fins terapêuticos

deve ser orientada por um ideal de cura racionalizante e, sobretudo, por princípios metapsicológicos que supõem um funcionamento psíquico saudável relacionado ao papel autônomo do Eu na dinâmica e na economia afetiva, em relação ao próprio corpo e em relação ao mundo.

O que nos leva ao diálogo com as elucubrações de Lacan (1959-60/1988) no sétimo ano de seus seminários, que teve por tema *A ética da psicanálise*. O ponto fundamental da argumentação lacaniana que merece comentário aqui é o seguinte: todo sentido subjetivo de um determinado ato, quando remetido a uma reflexão ética, depende de uma ordem de referência, mesmo que essa ordem não imponha, por meio de um ideal organizador positivado, um bem maior comum, ou partilhado, a ser alcançado – como no caso aristotélico, o ‘viver bem’, a ‘felicidade’.

No caso da psicanálise, mesmo que esta referência ainda seja o confronto ‘trágico’ com a interdição do objeto primordial e único da pulsão (que causa e motiva o desejo, objeto da fantasia originária); ou melhor, ainda que esta ordem de referência seja a de uma espécie de reconhecimento da impossibilidade de uma satisfatória consumação do desejo, o plano da reflexão sobre a conduta psicanalítica ainda deve ser remetido à própria interdição – que se estabelece no contato entre a simbolização da realidade e o prazer imaginário, e que se presentifica, na relação analítica, como uma questão, ainda que inconsciente, mas fundamentalmente ética. A saber: ‘devo ceder ao meu desejo e agir em conformidade a ele a ponto de realizá-lo, acima de qualquer coisa e de todos?’

O uso lacaniano de uma ordem de referência, que toma os aspectos singulares da subjetividade do analisando e do analista parece ir na contramão das concepções fenichelianas. Lacan (1959-60/1988) rejeita esse tipo de operação realizada por Fenichel (1940/1954; 1941) com os princípios metapsicológicos, pois, para ele, concepções como as de Fenichel articulam o ideal de cura organizador de uma análise como uma espécie de adequação do indivíduo ao ambiente que o circunda a partir de uma noção universalizada de felicidade (Lacan, 1959-60/1988).

Sem dúvida, essa diferença entre Fenichel e Lacan se dá por conta dos compromissos teóricos completamente distintos dos dois e da forma como encaravam a prática clínica em psicanálise. Diferenças estas que também não exploraremos aqui. Voltemos, então, aos acordos filosóficos de Fenichel que vimos marcar sua concepção sobre a prática psicanalítica, em especial, àqueles acordos desvelados no exame da finalidade prática do conhecimento psicanalítico, que vai embutida nesta concepção.

Lembremos que a postura ‘materialista’ a organizar o ‘naturalismo-científico’ de Fenichel (1934), e que é fiadora de seu projeto de psicologia, reapareceu em sua ‘teoria da técnica’ de

1941 por meio da crítica que faz ao pensamento mágico e idealista em psicologia. Evitar a reedição de uma prática psicológica que trata a 'realidade psíquica' como algo ininteligível ou como algo de 'outro mundo' significa reconhecer duas condições de existência de uma psicologia 'materialista'.

Como vimos, a primeira condição, mais específica, é a 'materialidade' do psíquico. Mesmo que ela não se comporte necessariamente como a materialidade física, mesmo que o psíquico seja a experiência viva e subjetiva que um indivíduo tem de si e do mundo, o funcionamento psíquico seria passível de um conhecimento que pode ser expresso por leis gerais, e também seria passível de controle. Já a segunda, mais genérica, é que a teoria científica 'materialista' deve buscar suas causas para além de categorias transcendentais, na objetividade imanente das relações sociais, históricas, políticas e econômicas.

Acontece que a contradição entre as exigências de controle da natureza e de explicações universais e necessárias e a particularidade do fenômeno psíquico, entendido como 'experiência viva e subjetiva que um indivíduo tem de si e do mundo', coloca um problema indissolúvel nesse ponto da articulação entre os critérios epistemológicos do programa de 1934 e a concepção de uma 'teoria da técnica' de 1941.

Para esclarecer o núcleo desse problema indissolúvel, teríamos que explorar como Fenichel tenta resolver os problemas envolvidos na forma que a psicanálise se afirma uma forma de 'conhecimento científico'. Para que não saíamos mais dos trilhos, deixemos de lado este problema. Voltaremos a ele em outra oportunidade. Mas aceitemos, por enquanto, que é a confusão de Fenichel (1940/1954; 1941) diante do que ele chama de 'coincidência metodológica' a geradora do problema indissolúvel entre a exigência do controle da ordem natural, na qual se encontra o psíquico, e o ideal de cura voltado para a 'educação afetiva' do Eu, que deve fortalecer a capacidade de autonomia do Eu racional e consciente frente às paixões que assolam a alma.

Fato é que, para Fenichel, a psicanálise se constrói com esta homologia entre métodos de pesquisa e terapêutico. Isso porque trata da experiência psicológica (de sofrimento, de dor, etc.) ao mesmo tempo em que investiga sua natureza, condições e leis de funcionamento. Isto, por si só, já garantiria a validade do argumento pragmático-empirista, usado não só por Fenichel (ou dos argumentos que assumem a reflexão ética propriamente dita sobre a natureza do conhecimento produzido pela experiência analítica), de que a teoria psicanalítica, antes de qualquer compromisso descritivo em relação à 'natureza' do psíquico, resulta de e serve a um propósito prático.

A forma como Fenichel (1941) incorpora a postura 'materialista' no reconhecimento das causas materiais do conhecimento psicanalítico parece caminhar justamente nesse sentido, ainda que tenha como origem um critério epistemológico ligado ao paradigma das ciências naturais (*Naturwissenschaft-*

ten) (Fenichel, 1934). Dessa maneira, a 'teoria da técnica' fenicheliana acaba fazendo uso dos princípios metapsicológicos, que organizam os enunciados sobre o funcionamento mental, também na organização daquilo que um psicanalista deveria fazer para promover uma maior autonomia do Eu na sua relação com a corporeidade e com o mundo como um todo.

ENTRE A PRÁTICA SINGULAR E OS PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM A AÇÃO: O EXERCÍCIO DA REFLEXÃO ÉTICA

Diante do que chamamos e desenvolvemos como 'as implicações éticas' da concepção de Fenichel (1941) sobre a prática psicanalítica, vale concluir este trabalho com alguns caminhos de reflexão em torno da prática psicanalítica. Com isto, não queremos de forma alguma apontar algo como um conjunto de 'soluções' fenichelianas para o vasto campo de discussão teórica sobre o dia a dia das práticas psicoterapêuticas orientadas psicanaliticamente. Sem anacronismos.

Contudo, vale evidenciar o que está em jogo para nosso tempo quando levantamos toda discussão acima. Assim, podemos refazer velhas questões ainda pertinentes à psicanálise ou a qualquer prática de cuidado, que visa certa eficácia terapêutica e, ao fazer isso, precisa reconhecer seus limites (ou, pelo menos, deveria), justamente por ser organizada em torno de princípios racionais comprometidos não só com um conhecimento legitimado pela fenomenalidade da experiência ao qual ele se refere, mas também com a qualidade de suas ações sobre os quadros de sofrimento psíquico.

1) Ao exercer certa intervenção em um tratamento psicoterapêutico, não há sempre uma espécie de cálculo entre o quadro atual deste tratamento – seja a experiência 'interna' de elaboração narrada pelo paciente, seja aquilo que se apresenta especificamente no 'campo transferencial', seja aquilo que se apresenta ao terapeuta, em sua própria subjetividade – e uma ordem de referência organizada minimamente ao redor de princípios racionais?

2) Seja o desejo irredutível e singular, seja a autonomia do Eu frente às paixões e o mundo (seja ainda uma ordem de referência específica de outro campo que não o das práticas psicoterapêuticas, como a fisiologia ou a bioquímica), qualquer que seja sua ordem de referência, uma prática terapêutica não precisa ser pensada e aplicada a partir da investigação rigorosa da complexidade do fenômeno clínico, do dado empírico ou da experiência psíquica singular?

3) Neste sentido, não seria plausível indicar que o resultado deste cálculo depende sempre, por um lado, de um fator particular, singular e único ligado à própria fenomenalidade da situação clínica, e, por outro, da organização minimamente racional das ações terapêuticas?

4) Ainda que se defenda mais a particularidade empírica ou a generalidade teórica, ou que se aborde as técnicas psicanalíticas mais a partir das posições subjetivas em uma análise ou mais a partir da objetividade de seus princípios organizadores, ou mesmo que se use mais o artifício da intuição clínica ou o artifício de uma 'equação técnica', o que se coloca sempre não é um exercício de reflexão sobre o que se faz em uma análise?

Logo, não basta a prática pela prática ou a ação pela ação. Isto porque, se assim fosse, o psicanalista ou o psicoterapeuta não poderiam decidir pela 'melhor ação' a ser tomada com o caso singular, assim como um médico pediatra não saberia o que fazer diante de uma criança com alergia, se não soubesse o que é uma alergia, quais são suas causas, seus efeitos, suas diversas manifestações e não relacionasse isto com a história desta criança. Por causa do caráter prescritivo e moral de toda prática terapêutica, e, claro, dos seus efeitos diretos sobre a vida de outrem, é inescapável responder a este tipo de questionamento técnico, mas também fundamentalmente ético.

Quando Fenichel (1941) exige ao menos os 'por quês' das ações terapêuticas que seus pares psicanalistas e ele mesmo praticavam, deparamo-nos com algo que toda prática psicanalítica, ou no limite qualquer prática terapêutica, deveria ter como sua antessala: a reflexão permanente sobre a finalidade desta prática, sobre seus motivos, sobre seus princípios formais gerais e sobre as características 'materiais', 'concretas' que permitem com que tal prática exista e possa se dar maneira que se dá em determinado momento e em determinado local.

DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada pela bolsa de doutorado do primeiro autor (CAPES-DS).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alonso, F. J. M. (2009). *El psicoanálisis 1919-1933: consolidación, expansión e institucionalización* [Tese de doutorado, Departamento de Filosofía IV, Facultad de Filosofía, Universidad Complutense de Madrid]. <https://eprints.ucm.es/id/eprint/9764/>
- Danto, E. A. (2005). *Freud's free clinics: psychoanalysis and social justice, 1918-1938*. Columbia Press Univ.
- Fenichel, O. (1934). Über die Psychoanalyse als Keim einer zukünftigen dialektisch-materialistischen Psychologie. *Zeitschrift für Politische Psychologie und Sexualökonomie*, 1(1), 43-62. <http://www.lsr-projekt.de/zpps/zpps1.html>
- Fenichel, O. (1941). *Problems of psychoanalytic technique*. Psychoanalytic Quarterly.
- Fenichel, O. (1953a). Psychoanalysis and metaphysics. In O. Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: first series* (pp. 8-26). W.W Norton & Company. (Trabalho original publicado em 1923).
- Fenichel, O. (1953b). Psychoanalytic Method. In O. Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: first series* (pp. 318-330). W.W Norton & Company. (Trabalho original apresentado em 1935).
- Fenichel, O. (1953c). Concerning the theory of psychoanalytic technique. In O. Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: first series* (pp. 332-348). W.W Norton & Company. (Trabalho original publicado em 1935).
- Fenichel, O. (1954). The study of defense mechanisms and its importance for psychoanalytic technique. In O. Fenichel, *Collected papers of Otto Fenichel: second series* (pp. 183-197). W.W Norton & Company. (Trabalho original apresentado em 1940).
- Fenichel, O. (1998). 119 Rundbriefe (1934-1945) (2 Volumes). Stroemfeld Verlag.
- Figueiredo, L. C., & Coelho Junior, N. E. (2008). *Ética e técnica em psicanálise* (2ª ed., ampl.). Escuta.
- Jacoby, R. (1983). *The Repression of Psychoanalysis: Otto Fenichel and the political Freudians*. Basic Books.
- Lacan, J. (1988). *O seminário livro VII: a ética da psicanálise*. Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1959-60).
- Mühlleitner, E. (2008). *Ich-Fenichel: das Leben eines Psychoanalytikers im 20. Jahrhundert*. Paul Zsolnay Verlag.
- Palumbo, J. H. P. (2019). Sobre as concepções de Otto Fenichel: psicanálise, materialismo-dialético e naturalismo científico [Tese de doutorado, Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo].
- Richebächer, S. (2019). Uma ligação perigosa com o poder: a psicanálise na Rússia bolchevique (G. S. Philipson, Trad.). *Lacuna: uma revista de psicanálise*, 7, 1. <https://revistalacuna.com/2019/08/07/n-7-1/>

Data da submissão: 22/01/2021
Primeira decisão editorial: 12/03/2021
Aceite: 01/07/2021